

ACADEMIA DE MÚSICA DE SANTA CECÍLIA

O GIGANTE
ADAMASTOR
um projecto musical
de Paulo Maria Rodrigues

FICHA TÉCNICA

Produção e edição

Academia de Música de Santa Cecília
Largo do Ministro, 9
1750-200 Lisboa
www.amsc.com.pt

Ilustração da capa e execução gráfica

Catarina Coelho

Fotografias

António Pedro Ferreira

Textos

Paulo Maria Rodrigues
Helena Rodrigues

Impressão e acabamento

MR Artes Gráficas, Lda

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor
© 2010, AMSC

1ª Edição
Julho de 2010

Depósito legal

314146/10

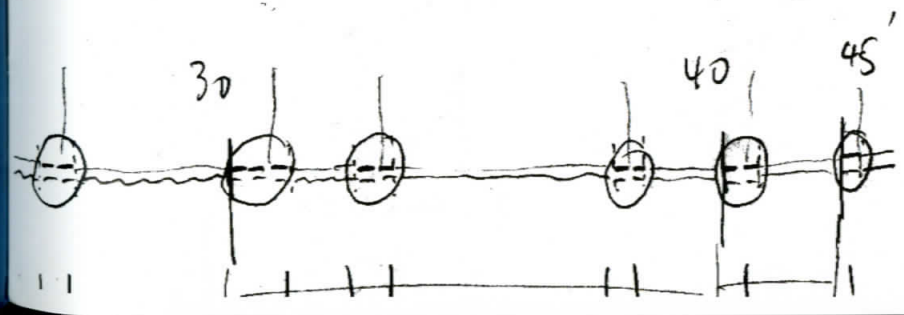
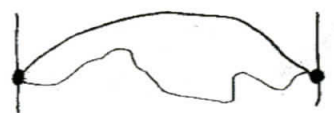
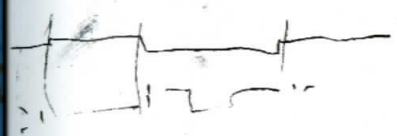
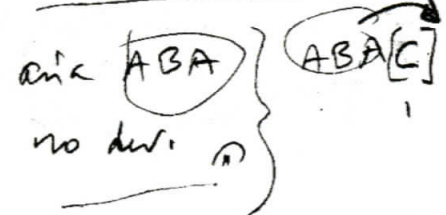
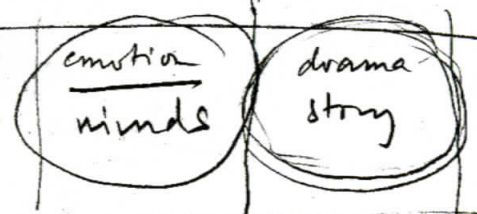
ISBN

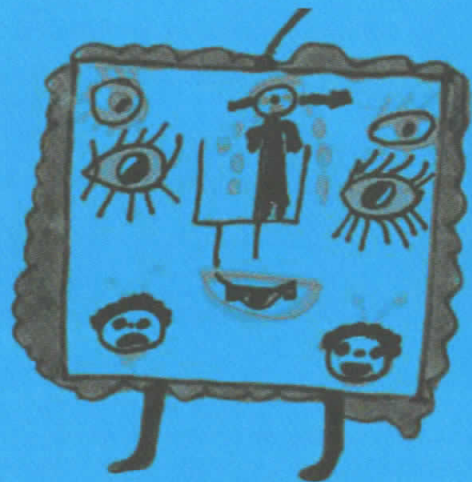
978-989-96534-0-5

Índice

A Academia	7
O gigante visto à distância	13
Memória de gigante	27
Testemunhos	37
Trabalhos de alunos	55

musical → Opere: sung, recit
 Singg aria recit: spoken





Helena Rodrigues Doutorada em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Diplomada com o Curso Superior de Piano do Conservatório de Música do Porto. A sua formação é versátil, abrangendo interesses que incluem estudos nas áreas do Canto, Música de Câmara, Expressão Dramática, Musicoterapia e Pedagogia Musical. Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Tem publicados diversos trabalhos de natureza científica, educativa e artística, tendo vindo a privilegiar a infância como campo de trabalho dominante. Directora artística da Companhia de Música Teatral, participa regularmente na concepção e interpretação dos trabalhos artísticos deste grupo.

*memória
de gigante*
Helena Rodrigues



Recordar hoje, passados doze anos, o projecto *O Gigante Adamastor* que a Academia de Santa Cecília levou a cabo no ano lectivo de 1997/98, envolve algum esforço de memória.

Perguntem como foi e o olhar há-de desviar-se lateralmente, como se fôsse vasculhar no cérebro uma arrumação temporal. E o rosto há-de iluminar-se com o clarão de uma vaga impressão forte. Marcou. É irrelevante dizer se foi bom, mau, ou mais ou menos. Marcou.

A memória é sempre um lugar de ilusão: selectiva, por vezes um consolo, uma âncora, outras vezes um transtorno de que nos gostaríamos de desfazer. Mas sempre um arquivo.

As histórias do presente vivem da energia desse arquivo. O tempo vai passando e o arquivo vai-se rearrumando.

Por vezes, esquecemo-nos de uma pequena história desarrumada a um canto, e regressamos a ela anos mais tarde, com outra clarividência. E a tal pequena história passa a encher de luminosidade a velha biblioteca, como se afinal, desde sempre, nela estivessem contidos todos os livros. Passamos então a visitar o arquivo rendidos à doce evidência das leituras que vão ficando por rever: suspeitamos que outros regressos poderiam, igualmente, ser de júbilo e de promessa.

Outras vezes, desarrumamos o arquivo: mudamos estantes, subimos prateleiras e, perdidos na poeira da obscuridade, gastámos os dias a catalogar livros. Quando estamos quase a acabar, uma fresta de luz mostra-nos – no sítio de onde nem sequer saímos – a pilha de livros que procurávamos e para os quais já não há novo lugar. Rendemo-nos então à torrente de histórias secretamente guardadas – tão profundamente que se tornaram indecifráveis (impossível desfazermo-nos delas; neste arquivo, a ausência tem sempre um lugar mais forte).

A memória é uma espécie de lastro entregue ao nascer. Não conseguimos nunca desvincular-nos desse manto difuso que nos é entregue por sermos, apenas, humanidade. O que podemos é embelezar esse manto, torná-lo mais apetecível para os que vierem depois de nós, afável para os que nele procuram contenção e solidez.

As escolas, os mestres, as salas de aula e os recreios são parte desses arquivos que pesam ou enlevam as nossas vidas. Os pianos

que transportávamos nos dedos, o sabor dos *dubais* depois das audições, as dedicatórias dos postais, a gelatina de morango no último dia de aulas.

O que fica no registo do essencial que nos guia e faz viver? Que temos para nos dizer, depois do rumor dos passos?

Vamo-nos cruzando nos corredores desta labiríntica e imensa biblioteca. E é bom quando consultamos os arquivos do nosso interior e neles encontramos uma vaga impressão forte. Melhor ainda quando neles revemos a palavra, o marcador, a rasura, o som, a respiração de que fomos autores. Percebemos que somos capazes de romper esse manto que nos amarfanha a todos.

Podemos, então, regressar aos dias comuns: ler notícias sobre acontecimentos, testemunhos, remirar a arqueologia dos textos e partituras, discutir acerca da veracidade dos factos, consultar relatos da época, dissecar a Música e a Educação em análises sistemáticas.

Estamos sossegados porque algo se inscreveu já no nosso projecto de vida: queremos continuar a fazê-lo mais belo para os que hão-de vir depois.

Foi a 30 e 31 de Maio de 1998 que a Academia de Santa Cecília transformou a Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa numa autêntica arca de Noé de músicos. Aí foi estreada a obra *O Gigante Adamastor*, encomenda da Academia de Santa Cecília – exemplar quase único, no nosso país, de uma escola de ensino integrado de Música – ao compositor Paulo Maria Rodrigues. Na execução musical embarcaram todas as classes da escola (Coro de Câmara, Coro de Escola, Orquestra, Grupos Instrumentais e Solistas, Grupo de Coreografia e Grupo de Cenografia) e também aqueles que, inicialmente, pensavam ser meros espectadores. O compositor foi timoneiro de energias, acasos e imaginações várias e a composição foi criada à medida das capacidades de cada um: *O Gigante Adamastor* é obra de Santa Cecília.

Segundo Rui Paiva, director da Academia, durante todo um ano lectivo, teve-se «a satisfação de ouvir por toda a escola o trautear espontâneo de melodias e ritmos do Gigante, numa onda de alegria e juventude». A obra surgiu integrada no Projecto Global de Escola, *Mar em Música*, e partiu dos Descobrimentos como tema central. Integrando textos elaborados pelos próprios alunos, excertos de roteiros quinhentistas, textos sobre os Descobrimentos e poemas de Luís de Camões, Fernando Pessoa, Sophia de Mello-Breyner e Eugénio de Mello e Castro, *O Gigante Adamastor* contrapõe medos e sonhos dos navegadores quinhentistas aos medos e sonhos de todos nós. Ou seja, coloca a viagem marítima a par da viagem à interioridade, seguindo um roteiro musical com cinco secções principais:



A entrada do local do espectáculo está transformada em cais de embarque. Os espectadores são tratados como passageiros: uns são mandados para Oriente, outros para Ocidente. Todos recebem uma pequena bagagem de mão onde se lê: «Não abra; siga as instruções do Fernando Pessoa.»

Entretanto, jograis da interrogação – que terão feito leituras de textos sobre aspectos inquietantes e menos falados dos Descobrimentos – aproximam-se e questionam: «O que é que tem a dizer sobre a escravatura?»; «O que é que acha do imperialismo ecológico e da importação de melgas das Ilhas Molucas?»; «Acha que se devem considerar uns selvagens as pessoas que não trabalham porque vivem do que a Natureza oferece?»; «Acha que devem ser obrigadas a trabalhar, a vestirem-se, a mudar de religião?», etc.

Os passageiros embarcam, isto é, a plateia da Aula Magna vai ficando repleta de público e artistas. Na proa – isto é, no palco – estão já dois coros, dois grupos instrumentais e dois maestros. A lotação está completa e os da proa batem palmas; os que pensavam ser público também. «Começa ou não começa?», «Mas o que é que vem a ser isto, nós pagámos bilhete!», «Vamos lá, que ainda se me acabam as pipocas!». Invectivas, assobios que se transformam aos poucos num poema de Pessoa: «Homens ao leme e em mastros, marinheiros, gajeiros!...Quero ir convosco!» A luz de uma lanterna e um silvo dão a partida.



3.º Acto Um dos grupos instrumentais segue rigorosamente a notação escrita, sobrepondo-se a outro que improvisa seguindo regras estabelecidas. Algo de semelhante sucede com os dois coros. A ideia de partir do ininteligível, do denso, do complexo, e chegar à clareza dum pergunta e dum resposta, «Que voz vem no som das ondas que não é a voz do mar?»

«Som = Sonhos», gerou todas as ideias subjacentes à organização do texto, que por sua vez condicionou o material rítmico e a altura dos sons. Como quem olha para dentro e no meio dos “Sons” vai descobrir “O Sonho”. Obsessivamente. A pergunta vai sendo construída, umas vezes avança-se, e a frase quase que faz sentido. Outras vezes retrocede-se, retrocede-se um pouco, porque depois acaba por se progredir sempre (deitados no divã de um psicanalista, os cascos de uma nau e os subterrâneos da criação possuem o mesmo pulsar biológico de recuos e avanços).

Os ritmos e as alturas divergem, convergem, divergem, convergem. Convergem. Numa direcção. As palavras desmembram-se, formam novas ligas – «pimenta, canenta, baunifrão e açafriha» – e atracam em sonhos do passado. A metamorfose continua, e o catálogo de sonhos dos navegadores («dar a volta ao mundo, chegar à Índia, trazer escravos, sedas lindíssimas, pimenta, canela, açafão e baunilha...») vai, a pouco e pouco, dando lugar ao catálogo de sonhos dos alunos. Progressivamente, o caos organiza-se e resume-se à palavra “Ssssommm...nhos” que aparece pintada num grande cartaz e em cuja exploração sonora o público participa também.

Depois do sonho segue-se a viagem. Uma atmosfera sonora estática, criada pelo uso do princípio de auto-similaridade aplicado à composição, vai desembocar na harmonização de uma melodia do Cancioneiro Popular Português. «Lá vai a Nau Catrineta que tem muito que contar.» é o que os pequeninos da Iniciação Musical entoam em procissão de velas. Porque, dizem-no os documentos antigos, naqueles tempos de medo acendiam-se velas para que se acendessem as estrelas.

A viagem prossegue: à calma marítima segue-se a tormenta, a dúvida do inesperado. Surgem duas vassouras e os músicos da proa são varridos de cena. Literalmente. Os maestros também.

Os alunos da Academia presenteiam-nos então com um quadro de “sons alternativos”, imaginados no além das memórias sonoras mais habituais. E a proa é também palco de dança. No silêncio. Os corpos do Grupo de Dança desenhavam uma bússola que aponta a música a seguir. O Grupo de Cenografia, disperso pela sala, forma esculturas que, sob fochos de luz, orientam o público.

Seguindo orientações do personagem Fernando Pessoa, o público produz sons com os materiais contidos na “bagagem de mão” (entregue à entrada) em diálogo com grupos de alunos que viajam pelos cantos da sala produzindo sons. Há sons por todo o lado. Um mar de sons invade-nos a pele.

Há carrancas medonhas projectadas. Catálogos de medos vêm pela boca de quatro *rappers*: os medos dos navegadores e os dos alunos. Para o Coro, o “Stór” é o Adamastor. Mas a esperança viaja num caravelophone, um instrumento em forma de caravela, fora dos cânones organológicos habituais – que é arrastado no palco. Os *rappers* exorcizam: «Manda a vontade que nos ata ao leme, dar cabo dos cabos, dar cabo do Cabo do Medo...»; o Coro aquiesce e amplifica: «Adamastor é um rochedo.»

Vencido o Cabo Bojador, segue-se o fascínio da descoberta. Fascínio este que terá sido também o de descoberta dos documentos antigos que descrevem a fauna e flora encontradas pelos navegadores. E também o do seu potencial sonoro: colibrí, tatuáçu, zebu, carambola, urucu, cardamomo, pimenta, oca, sagú...

Ao deslumbramento junta-se o toque surrealista dum pregão: «Do Cabo continuam a chegar boas novas, como a pescada do Cabo que é rija e fresquinha!», reprodução de um *slogan* publicitário de hipermercados do século XX.

Entrosando materiais musicais de uma pluralidade de origens e linguagens, o final da obra é uma metáfora sonora da universalidade da Música. Na proa canta-se: «Xingami o chobô, lombongos dos



cacuengues, cafêcos dos cacuengues»; «É difícil passar o Bicho, rapazes e raparigas do povo», com suporte musical de ritmos africanos.

E, no meio da nau, o maestro – um aluno adolescente – abraça o espiritual que há-de ser trauteado por todos: «*This little light of mine, I'm gonna let it shine*». Disse-o Mandela: «À medida que enfrentamos os nossos medos, vamos deixando a nossa luzinha brilhar.»

Estes são alguns dos apontamentos possíveis acerca de *O Gigante Adamastor*. Darão, talvez, uma vaga ideia do que foi a viagem dos que embarcaram e do espanto dos que os viram chegar ao palco da Aula Magna.

Eu fui dos que apenas os viram chegar. Mesmo assim, *O Gigante Adamastor* tem um lugar muito especial nos meus arquivos.

Recordo o entusiasmo, a vitalidade, o empenho, a compenetração de toda uma Escola em cima de um palco. Uma avalanche de energia cósmica, azul cor de fogo. E isso traz-me esperança.

Acho que nunca esquecerei, também, aquele momento mágico em que um carreirinho de crianças acartava velas ao mesmo tempo que entoava *A Nau Catrineta*. Uma luz de veludo por entre dedos miudinhos. E isso devolve-me inocência.

Uma explosão de palmas no final e, no público, gente feliz com lágrimas. Um crepitar de magma humano. E isto traz-me sinceridade.

Na Escola, vi muita gente tocada nos seus limites de generosidade, todos a darem o seu melhor. Comoção. Arte na sua essência.

Às vezes penso que para o Paulo, *O Gigante Adamastor* terá sempre a frescura de um primeiro amor. Uma revelação.

Uma espécie de verso divino entregue em mão pela Academia. O Gigante trouxe-lhe todos os versos, ainda que alguns em linguagem cifrada, nessa espécie de código genético que existe na actividade criadora. Mas o Gigante trouxe-lhe também uma vontade férrea para encontrar o resto do poema. É fantástico que este novelo de vida lhe tenha sido entregue por anjos!

De resto, não sei mais nada. Acho que tenho sorte por o Gigante constar do meu arquivo.